

Saki Sredni Vashtarbrac

I

QUANDO CONRADIN TINHA DEZ ANOS, um médico deu sua opinião profissional dizendo que o menino não chegaria aos 15. O médico era incompetente e de pouca reputação e seu parecer não contava muito, porém, foi endossado pela sra. De Ropp, cujas opiniões pesavam em quase todos os assuntos. A sra. De Ropp era prima e guardiã de Conradin e, aos olhos dele, ela representava aqueles três quintos do mundo que são necessários, desagradáveis e reais; os outros dois quintos, em perpétuo antagonismo com os precedentes, resumiam-se nele mesmo e na sua imaginação. Naquela época. Conradin pensou que sucumbiria sob a suprema pressão das coisas necessárias e fastidiosas — tais como as doenças, as restrições de afeto e os longos momentos de enfado. Sem sua imaginação, que era exuberante sob a espora da solidão, ele teria há muito sucumbido.

A sra. De Ropp nunca confessaria a si mesma, mesmo em seus momentos de maior honestidade, que não gostava de Conradin, embora estivesse vagamente consciente de que contrariá-lo "para seu próprio bem" era um dever que não considerava de forma alguma maçante. Conradin a odiava com uma desesperada sinceridade que conseguia disfarçar com perfeição. Desta forma, os pequenos prazeres que podia inventar para si próprio ganhavam um sabor mais intenso com a probabilidade de estarem desagradando sua guardiã, e do reino de sua imaginação ela era excluída — como uma coisa impura, que deveria ficar de fora.

No monótono e sombrio jardim, sob a mira de tantas janelas que poderiam abrir a qualquer momento com uma mensagem para não fazer isso ou aquilo,

ou uma advertência sobre a hora de tomar os remédios, ele encontrava pouca distração. As escassas árvores frutíferas que ali existiam estavam plantadas longe de seu alcance, parecendo espécimes raras florescendo no deserto; seria difícil encontrar um jardineiro profissional que oferecesse dez xelins pela produção anual daquele pomar. Num canto esquecido, contudo, quase oculto atrás de um triste matagal, havia um barracão de ferramentas fora de uso que tinha proporções respeitáveis, e entre suas paredes Conradin encontrou um refúgio, um lugar que assumia vários aspectos, desde um quarto de brinquedos até uma catedral. Ele povoou o local com uma legião de fantasmas familiares, evocados a partir de fragmentos de histórias e de seu próprio cérebro, mas ali também se encontravam dois habitantes de carne e osso. Num canto vivia uma galinha de plumagem longa e eriçada da raça Houdan, a qual o menino dedicava uma afeição que de outro modo não conseguia exprimir. Ao fundo, na parte mais sombria do barracão, numa enorme caixa, dividida em dois compartimentos, um dos quais fechado com estreitas barras de ferro, morava uma grande doninha, que um simpático ajudante de açougueiro certa vez trouxera às escondidas, já encarcerada em troca de um punhado de moedas de prata por muito tempo guardadas em sigilo. Conradin sentia um medo terrível do animal ágil e de dentes afiados, porém, ele era seu bem mais valioso. Sua presença no barracão gerava uma alegria secreta e temerosa, a ser mantida a todo custo fora do conhecimento da Mulher, como ele confidencialmente batizara sua prima. E um dia, sabem os céus a razão, inventou para o bicho um nome maravilhoso, e a partir daquele momento, nasceu um deus e um credo. A Mulher também se dedicava à religião uma vez por semana, numa igreja próxima, e levava Conradin com ela; mas para ele a missa na igreja era um rito estranho na casa de Rimon. Todas as quintas-feiras,

no opaco e bolorento silêncio do barracão, ele realizava uma cerimônia mística e elaborada diante da caixa de madeira, onde habitava Sredni Vashtar, a grande doninha. Flores vermelhas, quando era a época, e frutos silvestres escarlates no inverno eram oferecidos ao seu santuário, pois se tratava de um deus que dava especial ênfase ao aspecto imediato das coisas, ao contrário da religião da Mulher, que, até onde

Conradin podia observar, seguia muito além na direção oposta. E nos importantes festejos, nozes-moscadas eram espalhadas em frente da caixa, sendo que um detalhe imprescindível da oferta determinava que as nozesmascadas fossem roubadas. Esses festejos ocorriam com irregularidade, e eram principalmente designados para celebrar algum evento passageiro. Certa ocasião, quando a sra. De Ropp foi acometida de uma aguda dor de dente durante três dias. Conradin manteve os festejos durante todo esse tempo, e quase conseguiu convencer a si mesmo que Sredni Vashtar havia sido responsável pela dor de dente da prima. Tivesse a dor durado mais um dia, o suprimento de nozes-moscadas teria acabado.

II

A galinha Houdan nunca tomava parte no culto a Sredni Vashtar. Conradin há muito tempo decidira que ela era uma anabatista. Ele não tinha a mais remota idéia do que era um anabatista, mas, em segredo, esperava que fosse algo de provocador e não muito respeitável. A sra. De Ropp era a fonte essencial da qual extraía sua aversão a toda respeitabilidade.

Passado algum tempo, a dedicação de Conradin ao barracão começou a chamar a atenção de sua guardiã. "Não é bom para ele ficar zanzando dentro daquele lugar o tempo todo", ela resolveu de repente e, certa manhã, ao tomarem café, ela avisou-lhe que a galinha Houdan tinha sido vendida e

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

